

ENSINO DE GEOGRAFIA: ESTUDO DE CASO SOBRE ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A CORRIDA DE ORIENTAÇÃO

TEACHING OF GEOGRAPHY: CASE STUDY ABOUT SUPERVISED TRAINING AND THE RACE FOR GUIDANCE

Daniel de Araujo Silva

Acadêmico do Curso de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) do campus da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal (FACIP), Ituiutaba-MG.

<http://www.facip.ufu.br/geografia>

Carlos Roberto Loboda

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
Faculdade de Ciências Integradas do Pontal (FACIP)

<http://www.facip.ufu.br/geografia>

RESUMO

Atualmente no ensino escolar, sobretudo no de Geografia, é eminente a necessidade da utilização das mais variadas técnicas e instrumentos que possibilitem aos professores tornar o ensino mais interessante para os alunos. Assim, nossa reflexão, está pautada na experiência prática, que teve como objetivo inserir no cotidiano escolar a prática da Corrida de Orientação. Proporcionando aos alunos um contato com uma prática esportiva que utiliza instrumentos cartográficos, facilitando a relação direta com determinados conteúdos do ensino de Geografia. A reflexão aqui apresentada justifica-se pela busca cotidiana dos professores em dar subsídios ao ensino de Geografia, principalmente à cartografia. Do ponto de vista metodológico a proposta contemplou duas partes distintas, mas que se complementam, sendo: Teóricas (Palestras e Instrumentalização) e Prática (A corrida). Dessa forma, foi possível a inserção de determinados conteúdos como: pontos cardeais, por meio da utilização da bússola; localização espacial; coordenadas geográficas, dentre outros; uma prática esportiva que possibilita a relação da atividade física com o ensino de Geografia.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; corrida de orientação; Ituiutaba-MG.

ABSTRACT

Currently in school education, especially in Geography, is the primary need for the use of various techniques and tools that enable teachers to make learning more interesting for students. Thus, our reflection is guided practical experience, which aimed to put in everyday school practice Race Guidance. Providing students a contact with a sports practice that uses mapping tools, facilitating the direct relationship with certain content of the teaching of Geography. The reflection presented here is justified by the pursuit of everyday teachers in giving subsidies to teaching Geography, especially the cartography. From the methodological point of view the proposal included two distinct parts, but complementary, being: Lectures (Lectures and instrumentalization) and Practice (The race). Thus, it was possible to insert certain content as cardinal points, by use of the compass; spatial location; geographic

coordinates, among others; a sports practice that allows the relationship of physical activity with the teaching of Geography.

Key-words: Teaching Geography; race of guidance, Ituiutaba-MG.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho vem relatar a experiência obtida no âmbito do estágio supervisionado, que teve como público alvo alunos do ensino fundamental dos anos finais da Escola municipal CIME Tancredo de Paula Almeida, em Ituiutaba-MG (Figura 1). Localizada no pontal do triângulo mineiro, Ituiutaba está a uma distância de aproximadamente 700 km da capital do Estado, Belo Horizonte. Quanto à demografia, o município possui uma população estimada de 102.020 habitantes. Deste universo, mais de 90% reside na zona urbana em um território de 2.598,046 Km² (IBGE, estimativa 2013). Sobre os aspectos físico-ambientais, o local situa-se nos domínios do cerrado, tendo um clima tropical quente e úmido, com duas estações bem definidas, verões quentes e chuvosos, e invernos amenos e secos.

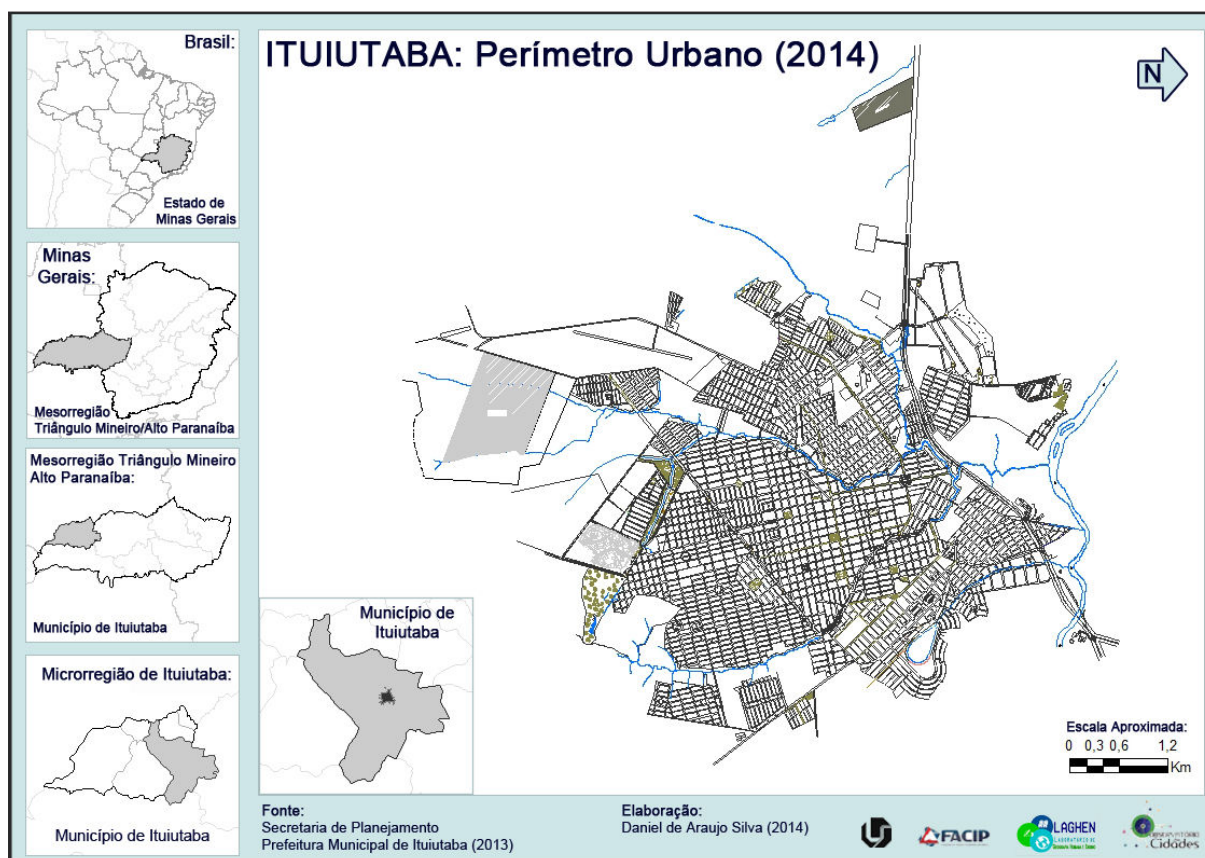


Figura 1 – Localização de Ituiutaba-MG.
Org.: Daniel de Araujo Silva (2014).

Esta pesquisa teve como objetivo principal analisar e relatar uma atividade realizada a partir do estágio supervisionado, no qual foi inserida a prática da corrida de orientação relacionada ao ensino de geografia, fazendo com que o mesmo tenha um contato direto com os instrumentos cartográficos, possibilitando-lhe o desenvolvimento e aprimoramentos de determinados conhecimentos geográficos.

A corrida de orientação mantém a mente do praticante ocupada em toda a sua execução, contribuindo para a educação ambiental, além de desenvolver a capacidade física e intelectual, que se desenvolverá ao longo do tempo, na prática da orientação.

Esta atividade esportiva engloba os aspectos físicos, mentais e pedagógicos, tudo isso em meio à natureza. A CBO (Confederação Brasileira de Orientação) instituição que regulamenta este esporte no Brasil, afirma que a Orientação como atividade, acompanha o homem desde sua origem. No entanto, como esporte, surgiu nos países nórdicos há mais de cem anos com o propósito de realizar-se uma atividade física ao ar livre (CBO, 2011). O esporte consiste em alcançar vários pontos de controle dentro de um percurso, se orientando por mapa e/ou bússola, onde o objetivo é chegar ao ponto final em um menor tempo possível.

A realização deste tipo de desporto envolve diretamente a geografia, pois os instrumentos utilizados são de cunho cartográfico, como bússolas e mapas. Oliveira et al (2008), aborda o surgimento do esporte no Brasil:

No Brasil, o Esporte de Orientação chega através de militares que, em 1970, foram à Europa observar as competições de Orientação do CIMS (International Military Sports Council). Em 1971, eram realizadas as primeiras competições neste país. Em 1974, foi incluído no Currículo da Escola de Educação Física do Exército e neste mesmo ano surge à primeira publicação técnica brasileira sobre este desporto. Em 1984, foi realizado em Curitiba, o XVII Campeonato Mundial Militar de Orientação que, contribuiu para o desenvolvimento do desporto entre os militares e civis brasileiros. Em 1991, foi fundado o Clube de Orientação de Santa Maria (COSM), iniciando um movimento de expansão por todo o Estado do Rio Grande do Sul e apoiando a fundação de outros clubes (OLIVEIRA et al, 2008, p. 1).

A corrida de orientação dispõe de um conjunto de conhecimentos e saberes, o que faz dela um desafio para o aluno e também para quem ensina, visto que a maioria dos professores com quem trabalhamos nos estágios nos relatou que possuem muitas dificuldades no campo cartográfico. De acordo com a CBO (2012), três vieses diferentes são pertinentes à corrida de orientação: 1) competição - pois partem do cumprimento de um percurso com uma partida, pontos de controle e uma chegada; 2) recreação - o aluno solo ou em grupo realiza o percurso sem a preocupação de competir, para se distrair, manter contato com a natureza, e o simples fato de praticar uma atividade física e ao mesmo tempo mental; 3) pedagógico - é inerente na corrida de orientação a interdisciplinaridade, como orienta os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), pois trabalha as disciplinas diversas como geografia, matemática, educação física e história, unidas ao esporte.

Quanto à utilização de instrumentos cartográficos, Scherma (2010) discorre sobre a utilização de mapas:

A leitura e compreensão do mapa é uma habilidade muito importante e necessária para todo cidadão. Essas representações fazem parte da vida contemporânea e podem ser utilizadas em diferentes contextos, como em artigos de jornal, televisão, shopping, processo educacional, etc. Confirma-se, assim, a exigência frequente do uso de mapas, no deslocamento de um lugar para outro, no esporte de Orientação, na análise do tempo atmosférico, na distribuição das indústrias ou da poluição do ar. São alguns dos modos e momentos oportunos da leitura cartográfica, que ocorrem no cotidiano e diversificadamente, dadas as condições de vida em nossa sociedade atual (SCHERMA, 2010, p. 24).

A prática de esportes é muito importante para vida humana, principalmente para o estudante. Portanto, é de fundamental importância demonstrar ao aluno que na corrida de orientação ele irá ao mesmo tempo, praticar a corrida em um cenário saudável ao corpo e mente, onde aprenderá tanto a conviver com seus pares, preservar o meio ambiente e aprender determinados conteúdos da geografia.

Dessa forma, o aluno não ficará preso apenas aos esportes ditos como tradicionais como o futebol, basquete e voleibol. Terá mais essa opção de atividade esportiva que proporciona uma relação direta com elementos da natureza, que de forma empírica é basilar no sentido de criar hábitos de preservação. Com a prática das técnicas e dos instrumentos utilizados na corrida

orientação, os alunos praticam o esporte, e também poderão usá-las em sala de aula, nas diversas atividades geográficas, fazendo com que esses alunos despertem um interesse futuro para com a Geografia.

A corrida de orientação tem como um dos seus princípios a preservação e o papel de informativo/conscientizador dos elementos da natureza. Por ser um esporte depende dos componentes do meio ambiente, seu praticante tem a obrigação de observar, interpretar e conceber ações efetivas de preservação do meio ambiente. A sociedade deve aprender a se relacionar com o meio em que vive e, dessa forma, a escola é um importante veículo de disseminação dessa cultura, juntamente com a corrida de orientação que une tais variáveis na prática.

A interação homem-meio que ocorre na prática deste esporte, o torna relevante, já que a geografia se configura como uma “ciência de campo”, que não pode ficar restrita ao espaço de uma minúscula sala de aula. De acordo com Lima (2007), o “trabalho de campo sempre teve grande importância para a geografia, desde a antiguidade até os viajantes e naturalistas que sistematizaram essa ciência, de modo que esse recurso metodológico sempre esteve presente na evolução do pensamento geográfico”. Assim, não podemos restringir uma disciplina que tem a amplitude do espaço e das relações socioespaciais com objeto de estudo. E de acordo com essa perspectiva que nos propusemos a trabalhar com a corrida de orientação no estágio supervisionado, oferecendo aos alunos oportunidade de adquirir conhecimento através do esporte, em um ambiente extra sala de aula.

A escola tem o papel de ensinar e instrumentalizar o indivíduo a se orientar em sua vida prática e em seu cotidiano. A disciplina de geografia é também responsável por desenvolver um saber que ampare o indivíduo em suas demandas sociais. Desde as séries iniciais a criança aprende a se localizar, porém se faz muito importante que as bases de orientação espacial sejam ensinadas de maneira adequada, o que algumas vezes não acontece. Vejamos o caso da bússola, o uso desse instrumento na maioria das escolas é trabalhado de maneira superficial, apenas com imagens nos livros didáticos, ou seja, não há, em muitas das vezes, uma preocupação maior com o trabalho prático acerca deste conhecimento.

Sendo assim no ensino de geografia, principalmente no tocante da cartografia, Silva (2006) afirma que

Os professores que trabalham com Geografia nas diversas séries, necessitam compreender que a construção das noções de localização não pode ser realizada aleatoriamente [...] requer cuidado e atenção especiais, pois, além de envolver o

domínio da linguagem cartográfica, pressupõe o conhecimento da psicogênese da criança, isto é, como ela, em diferentes faixas etárias, vai construindo cognitivamente as relações espaciais e as noções de localização e orientação espacial (SILVA, 2006).

A cartografia é de suma importância, conforme afirma Castellar (2005), também contribui, afirmando que:

A cartografia, então, é considerada uma linguagem, um sistema-código de comunicação imprescindível em todas as esferas da aprendizagem em geografia, articulando fatos, conceitos e sistemas conceituais que permitem ser e escrever as características do território. Nesse contexto, ela é uma opção metodológica, o que implica utilizá-la em todos os conteúdos da geografia, para identificar e conhecer não apenas a localização dos países, mas entender as relações entre eles, compreender os conflitos e a ocupação do espaço (CASTELLAR, 2005, p. 216).

De acordo com Almeida (2001):

O ensino de mapas e de outras formas de representação da informação espacial é importante tarefa da escola e ainda reforça a importância de preparar o aluno para compreender a organização espacial da sociedade, o que exige o conhecimento de técnicas e instrumentos necessários à representação gráfica dessa organização (ALMEIDA, 2001, p.17).

Em nossas observações no cotidiano das salas de aula, notamos que muitos alunos encontram dificuldades para entender as noções de localização e orientação geográfica e incorrem em confusões ao utilizar os pontos cardeais, pois na maioria das vezes há situações em que os professores não estão devidamente preparados para ensinar a cartografia adequadamente, concordando com Castrogiovanni (2000, p. 13) quando afirma que “pesquisas comprovam que muitos dos professores que atuam nas séries iniciais não foram alfabetizados em geografia”.

Quanto à aprendizagem cartográfica é de suma importância levar em conta a experiência vivida pelo aluno em seu espaço, ou seja, a noção que ele traz do seu cotidiano sobre localização e orientação em seus trajetos, dessa forma, a utilização da linguagem cartográfica se torna uma

das etapas para a construção pedagógica do ensino dos saberes geográficos. No sentido de leitura do espaço, Castellar (2005) argumenta que:

Saber ler uma informação do espaço vivido significa saber explorar os elementos naturais e construídos presentes na paisagem, não se atendo apenas à percepção das formas, mas sim chegando ao seu significado. A leitura do lugar de vivência está relacionada, entre outros conceitos, com os que estruturam o conhecimento geográfico, como por exemplo, localização, orientação, território, região, natureza, paisagem, espaço e tempo (CASTELLAR, 2005, p. 212).

Assim, o esporte corrida de orientação tem as características dos conteúdos geográficos e, principalmente, de cunho cartográfico, podendo contribuir de maneira efetiva na construção destes conhecimentos de forma lúdica, conforme discorre Silva (2006) que:

A indicação de jogos, também pode ser um aliado no processo de construção de conhecimentos, já que permite ao aluno um papel mais ativo, onde pode elaborar hipóteses, questionar, comparar, ou seja, apropriar-se dos conteúdos escolares através de uma estratégia metodológica diferenciada (SILVA, 2006, p.143).

Assim, esta pesquisa procura contribuir, de certa forma, com inserção da corrida de orientação como método de aprendizado complementar ao ensino de geografia.

MATERIAIS E MÉTODOS

Primeiramente, foi realizada uma revisão bibliográfica referente à corrida de orientação, cartografia, educação ambiental e ensino de geografia, desta forma adquirimos embasamento teórico para desenvolver as atividades na prática.

Do ponto de vista da instrumentalização e execução da corrida de orientação enquanto base para inserção de conteúdos geográficos, o “ideal” seria que a atividade prática fosse feita em um local aberto e que contemplasse a natureza, um espaço aberto, como um parque. No entanto, devido à burocracia e a responsabilidades sobre as crianças, na qual muitas vezes as instituições de ensino não permitem a saída dos alunos das escolas, precisamos utilizar a criatividade. Assim,

o local da corrida foi no espaço físico da própria escola. A partir das características da escola, foi confeccionado um mapa-croqui (Figura 2), este foi todo tracejado representando as latitudes e longitudes e também contendo todos os elementos que contemplam este espaço escolar, nos quais os pontos de controle (prismas) foram afixados. Enfim, toda a atividade foi realizada no interior da instituição.

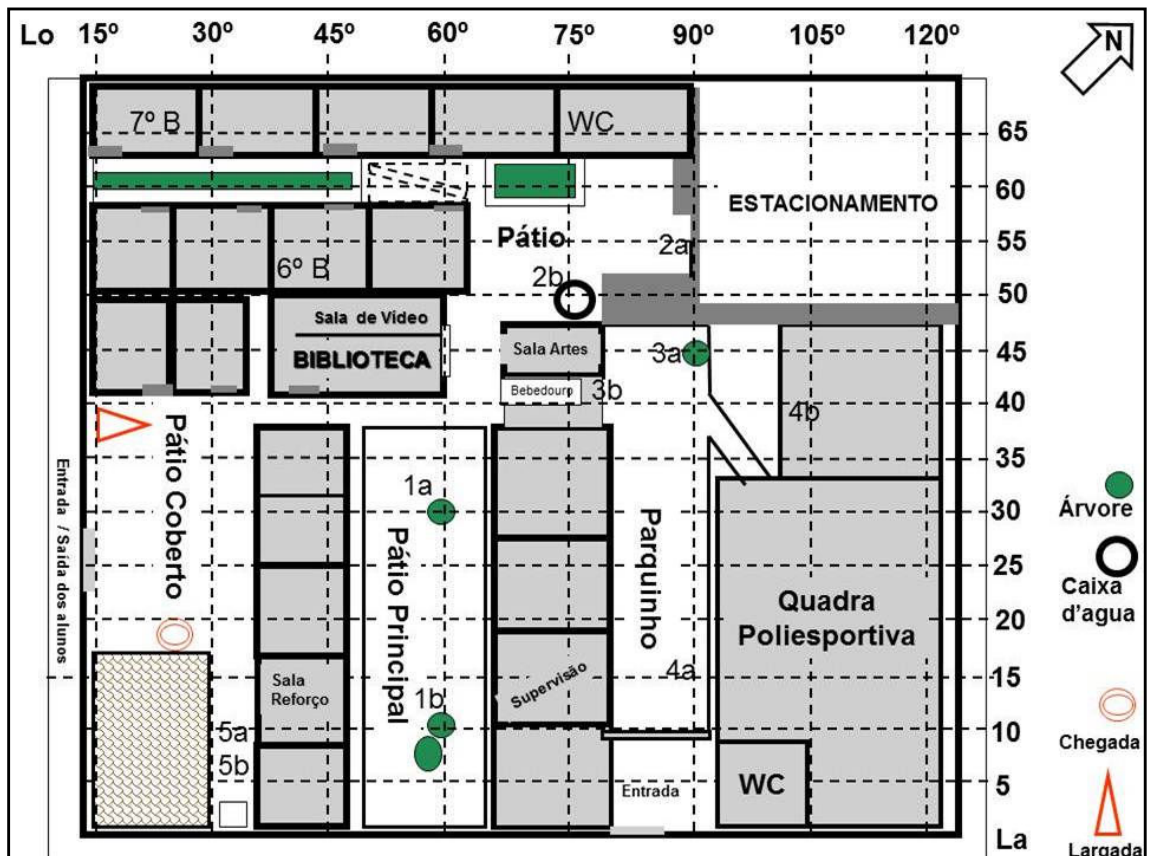


Figura 2 – Mapa-croqui da escola.
Org.: Daniel de Araujo Silva (2013).

Além do mapa-croqui, o trabalho foi realizado utilizando outros materiais como: bússolas; picotadores; cartões de ponto; pontos de controle (prismas) em cada prisma tinha um picotador e uma “etiqueta de instrução” para o próximo ponto. No intuito de tornar mais didática a atividade, a mesma foi operacionalizada considerando dois momentos distintos, mas complementares, sendo: teórica (palestra e instrumentalização) e prática (A corrida).

Em relação à parte teórica foram realizadas aulas expositivas com os alunos sobre o que é a corrida de orientação, onde é praticada a atividade, seu histórico, suas regras, seus instrumentos, os cuidados com a natureza que a mesma determina e seus componentes. Foi apresentada aos alunos uma palestra sobre a corrida orientação como esporte, que além dos

benefícios já citados, se trata de um esporte que reúne um grande número de participantes. O Brasil possui vários clubes de orientação, principalmente no sul, nos quais são realizados campeonatos locais, regionais, nacionais e até internacionais, podendo até ser elevado a esporte olímpico nas próximas olimpíadas.

Na parte de instrumentalização, os alunos tiveram explicações sobre como utilizar a bússola, suas técnicas de orientação por meios dos pontos de referência, utilizando apenas a bússola. Para isso foram organizadas oficinas nas quais os alunos aprenderam a fazer bússolas manuais e também foram instruídos quanto à sua utilização.

Quanto à parte prática, existem diversas formas de se realizar a corrida: utilizando somente o mapa; utilizando apenas a bússola; ou utilizando o mapa e a bússola. Devido às circunstâncias e condições, a modalidade adotada foi a de utilizar somente o mapa, para tanto, os alunos foram divididos em duplas. Na corrida utilizando apenas o mapa, como os alunos já estão habituados ao espaço escolar, terão de observar o mapa e localizar os pontos a percorrer, utilizando as referências contidas e as coordenadas geográficas (latitude e longitude). Assim, os alunos ao passar pelos pontos de controle, terão, por obrigatoriedade, que fazer uso do picotador para marcar no cartão o ponto e também fazer a leitura do mapa e identificar as devidas latitudes e longitudes para chegar ao próximo ponto. O cartão de ponto é conferido na chegada dos alunos ao último ponto, para comprovar que realmente eles passaram por todos os prismas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A atividade relacionando a corrida de orientação com os conteúdos da geografia foi realizada em momentos distintos, a saber: primeiramente foi realizada uma apresentação de forma descontraída contendo toda parte de teorias sobre a corrida de orientação e suas atribuições, bem como sobre o conteúdo geográfico relacionado ao esporte; num segundo momento, após a parte teórica, foi realizada a parte prática, na qual os alunos colocaram em prática o que foi exposto na teoria.

Primeiramente, na palestra foram expostas as vertentes do esporte como: a competição, recreação, vertente ambiental, e a vertente pedagógica, pela qual o praticante estará desenvolvendo diversos conteúdos interdisciplinares como a matemática, história, física, biologia e, principalmente, a geografia. Reforçamos aos alunos que a geografia é interessante e que este esporte ativaria o entusiasmo pela disciplina. Os alunos foram conscientizados sobre valores

éticos que o esporte traz em seu bojo, como a honestidade, coragem e perseverança, além de competências como o planejamento e a organização que servem tanto para o esporte como para a vida cotidiana.

Enfim, a ênfase foi dada para a importância deste esporte para os estudantes, pois além da interdisciplinaridade, o aluno aprende a geografia de forma lúdica e estimula o trabalho em equipe, utilizando-se de determinados conteúdos geográficos como: escalas, noções de localização e orientação, bússolas e mapas. Estes conteúdos, bem como os equipamentos e as regras da corrida de orientação foram tratados na segunda parte teórica da oficina.

Na instrumentalização, primeiramente realizamos uma oficina de bússolas, na qual os alunos aprenderam a fazer uma bússola manual, e entendendo como funciona o magnetismo com uma agulha imantada anexada a uma tampa de garrafa (Figura 3). Posteriormente, utilizamos uma bússola padrão para compararmos com as manuais, e todas funcionaram perfeitamente.

Alguns fatos nos chamaram atenção nessa etapa da atividade, destacamos, por exemplo, que na explicação referente à bússola, muitos alunos nunca tinham visto uma e não sabiam qual era sua utilização. Dessa forma, foi necessária a informação e ilustração de que a agulha magnética sempre aponta para o norte magnético da terra, não importa o quanto ele mude a bússola de posição a agulha sempre aponta para o norte. Da mesma maneira, ocorreu com a forma de tirar azimutes¹, juntamente com o mapa, enfim, os elementos básicos e necessários de como se orientar e traçar rotas com uma bússola usando um mapa ou não.

¹ É o procedimento utilizado para traçar a rota de um ponto para o outro.



Figura 3 – Material da oficina de bússolas manuais.
Fonte: Daniel de Araujo Silva (2013).

Os alunos também foram instruídos sobre o mapa, principalmente a legenda. Reforçamos que esta traz informações sobre itens ou referências no terreno. Outro aspecto que precisa ser enfatizado e foi trabalhado com alunos foi a escala. É fundamental ter a noção de contar passos duplos, por exemplo, no sentido de saber qual a distância em metros de um ponto para o outro. Por fim, torna-se fundamental o trabalho com as coordenadas geográficas, aspectos básicos que são usados na atividade prática.

Na sequência, os participantes foram instruídos sobre as regras e dos equipamentos principais que fazem parte da estrutura de uma corrida de orientação, como: “prisma”, que é o identificador de um ponto de controle por onde o praticante deve obrigatoriamente passar, assim, cada prisma possui um “picotador”, que serve para fazer a marcação no “cartão de ponto”, que possui vários espaços referentes aos pontos de controle por onde o praticante passará, o mapa é o material mais importante, pois nele está o percurso e todos os pontos de controle e objetivos a serem percorridos, bem como suas referências. Essa é uma etapa importante da atividade pelo fato de ser o momento em que se assimila como se deve ler e interpretar um mapa e também conhecer a *bússola*, que ao lado do mapa, também é muito importante para se orientar.

Por último, foi necessária uma simulação de como seria feita a corrida na escola, dessa forma, construímos o mapa-croqui da escola, tracejado com linhas imaginárias que representavam as latitudes e longitudes, que seriam as coordenadas para se conseguir encontrar os pontos de controle. Os alunos foram orientados dos procedimentos da corrida, como: largada; identificação das coordenadas; leitura e interpretação do mapa; marcação dos cartões de ponto; e a chegada e a marcação de seu tempo.

Já em relação à parte prática, que se deu no interior da escola, inicialmente elaboramos dois percursos distintos, com prismas espalhados por toda escola (Figura 4), onde os alunos tiveram que percorrer os trajetos munidos do mapa-croqui. Este foi todo tracejado representando as latitudes e longitudes. Cada ponto de controle (*prisma*) tinha uma etiqueta com os dizeres “*Siga para o ponto X, Latitude X° e Longitude X°*”, bastava apenas o aluno ter atenção em ler as coordenadas e interpretar o mapa para saber onde estavam determinados pontos. Cada um destes com um picotador, com qual o aluno marca no cartão o respectivo ponto, após passar por todos os pontos de controle, o aluno se encaminha para a linha de chegada.



Figura 4 – Pontos de controle (prismas) em diversos locais da escola.
Org.: Daniel de Araujo Silva (2013).

Antes da corrida reunimos os alunos no refeitório (ponto da largada), onde foram repassadas as instruções finais para a corrida, os participantes formaram duplas por escolha dos “próprios alunos” femininas e masculinas². Desta forma tivemos duas baterias, na primeira as duplas corriam fazendo o percurso A e na segunda bateria com o percurso B, os alunos partiam com uma diferença de 30 segundos uma dupla da outra.

Na primeira bateria, a maioria entusiasmada com a atividade, partiu para os percursos (Figura 5), os primeiros que foram chegando reclamaram que não estavam conseguindo achar os pontos, outros dizendo que estava fácil demais e muitos estavam correndo no percurso errado.

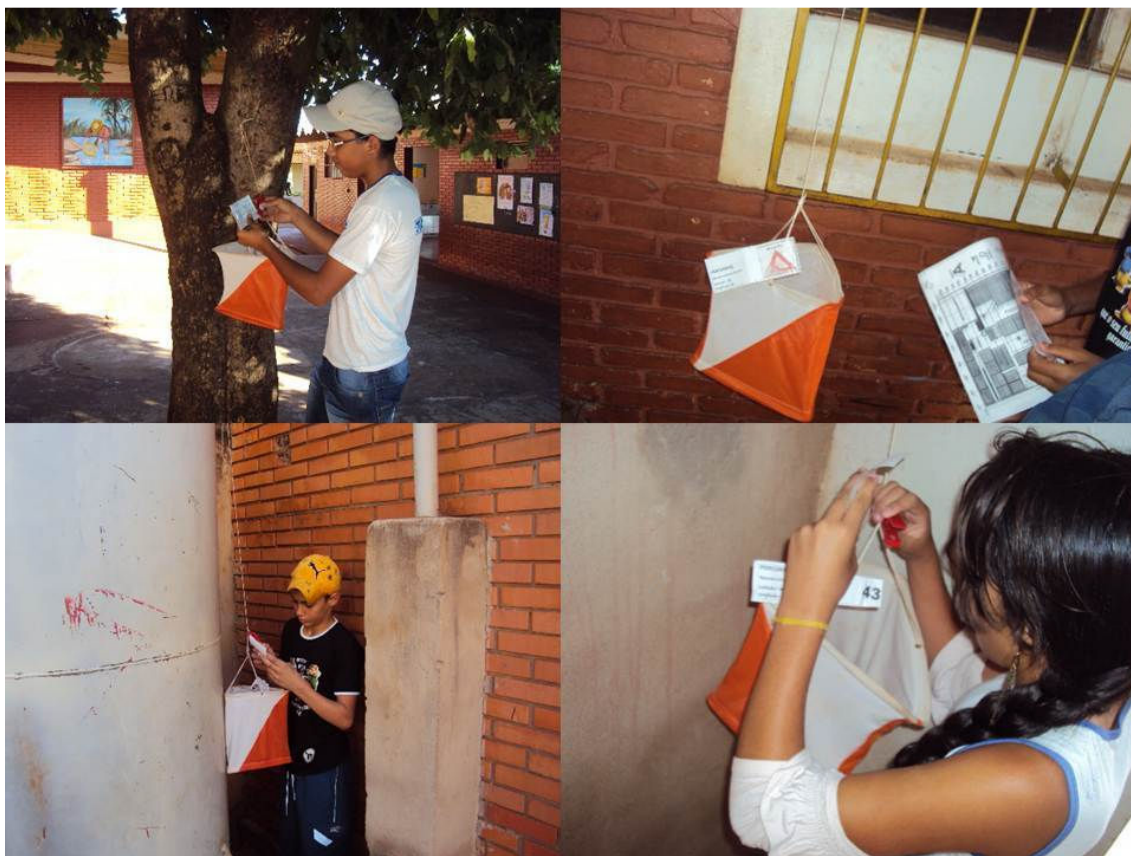


Figura 5 – Alunos durante o percurso desenvolvendo a atividade.
Org.: Daniel de Araujo Silva (2013).

Dessa forma, após a primeira bateria, reforçamos algumas instruções e ressaltamos que não adiantava chegar com menos tempo, se o cartão estivesse marcado erroneamente, automaticamente a dupla estaria eliminada. Muitos diziam que desta vez iriam fazer corretamente, então partiram novamente, desta vez a maioria fez o percurso em um tempo menor

² Assim como na corrida orientação os participantes são divididos por Categorias (Idade) e sexo.

que o anterior. Somente após a chegada da última dupla, deu-se início a conferência dos cartões de ponto, e na sequência foi divulgado o resultado final da corrida.

Após realizar a conferência, constatamos que todas as duplas femininas tanto na primeira quanto na segunda bateria, executaram corretamente a atividade. Já as duplas masculinas 50% fizeram de maneira correta. Fizemos a premiação com medalhas para as três primeiras duplas de cada categoria, como forma de incentivo pela participação e estímulo para novas atividades.

Posteriormente, foi aplicada aos alunos uma enquete de opinião sobre as atividades realizadas. Diante dos resultados obtidos, podemos afirmar que o contato com uma nova atividade esportiva foi fundamental para os alunos, no sentido de conceber a ligação direta do esporte com os conteúdos do ensino de geografia, ou seja, na visão dos estudantes foi uma forma mais agradável de estudar geografia, relacionando seus conteúdos com a corrida de orientação.

Quanto à atividade prática, foi de certa forma surpreendente. Os alunos tiveram que utilizar técnicas para interpretar as coordenadas geográficas, o que antes para eles não era agradável, e segundo alguns relatos, determinados aspectos da disciplina de geografia ficaram mais interessantes, e que “mapa não se usa apenas para localizar países”. Outros alunos ressaltaram na enquete que as aulas práticas “atividade externa e/ou de campo” são mais estimulantes e interessantes que na sala de aula, além de ser uma diferente forma de aprender geografia. Contudo esperamos que os alunos utilizem no dia a dia as técnicas que aprenderam tanto no contexto escolar como em seu cotidiano fora da escola.

Por fim, a atividade trouxe uma oportunidade de estreitamento de relação, pois vários alunos opinaram afirmando que a atividade proporcionou uma interação entre os diferentes grupos e a própria classe. Contudo, algo que nos chamou a atenção no decorrer da atividade, foi o fato de que alguns alunos não frequentavam as aulas de educação física na escola, talvez por desinteresse ou por não gostarem de esportes, participaram da corrida de orientação, ou seja, o esporte quebrando paradigmas dentro da própria escola³.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta atividade, visando articular uma prática esportiva com determinados conteúdos da disciplina de geografia, podemos concluir que os alunos tiveram a oportunidade de conhecer um esporte diferente aos que estão acostumados em seu cotidiano escolar. Além do

³ A professora de Educação Física ficou surpresa, pois nunca conseguiu convencer a aluna a praticar esportes.

contato com práticas que são fundamentais no sentido de aprimorar a relação ensino-aprendizagem por meio da relação teoria-prática. Assim, primando por uma forma lúdica de ensinar conteúdos geográficos como: noções de localização; coordenadas geográficas; escala geográfica; dentre outros; além de despertar o interesse por estes conteúdos esta prática pode contribuir para o espírito coletivo, para manter a boa relação entre os alunos, com os professores e o ambiente escolar.

A partir desta experiência podemos afirmar que a corrida de orientação, além de envolver os conteúdos de ensino de Geografia diretamente na prática, ainda contribui para o raciocínio lógico, para o desenvolvimento físico e mental do aluno, melhorando seu rendimento e tendo um interesse maior pela geografia, além das outras disciplinas. Concluímos na perspectiva de Scherma (2010, p. 154), para quem “a aquisição dos conhecimentos da orientação está atrelada a uma estratégia metodológica diferenciada e dinâmica, possibilitando oferecer uma aprendizagem mais motivadora e significativa para o aluno”, corroborando com os expressivos resultados alcançados através desta atividade. Desta forma, houve um interesse maior por parte dos alunos pela ciência geográfica, fazendo com os mesmos passem a conceber a geografia como uma disciplina que envolve múltiplos conhecimentos por meio da nossa relação direta com as pessoas e com o entorno.

Enfim, concluímos as atividades conforme havíamos planejado, cumprindo todos os objetivos propostos para realização desta atividade sem que ocorressem contratemplos e com total apoio dos professores e da direção da escola. Como no esporte corrida de orientação, o objetivo é fazer o percurso em menos tempo, nesta oficina nem tanto, o importante era que o aluno tivesse a oportunidade de aprender a utilizar os instrumentos cartográficos de maneira correta, além de conhecer um novo esporte que está diretamente ligado a Geografia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosangela Doinde; PASSINE, Elza Y. **O espaço geográfico: ensino e representação**. 15ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s** (1997). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro052.pdf>. Acesso em: 20 Ago. 2013.

CASTELLAR, S. M. V. **Educação geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar**. Caderno CEDES, Campinas, n.25, p.209-225, 2005.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (org). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000. 176p.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?codmun=313420>>. Acesso em: Dez. 2013.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Ituiutaba-MG**. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/232F7>>. Acesso em: 15 Mar. 2013.

LIMA, Vanuzia, B. **O trabalho de campo no ensino de geografia (2007)**. Disponível em: <<http://www.construirnoticias.com.br/asp/materia.asp?id=1214>>. Acesso em: 25 Ago. 2013.

OLIVEIRA, Fábio Souza; BARROSO, Johelio Santana; COSTA JUNIOR, Osvaldo Moura. **A Corrida de Orientação enquanto conteúdo da Educação Física escolar. 2008**. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd119/corrida-de-orientacion-conteudo-da-educacao-fisica-escolar.htm>. Acesso em: 01 Set. 2012.

CBO – Confederação Brasileira de Orientação. **Orientação e Meio Ambiente (2011)**. Disponível em: <<http://www.cbo.org.br/site/meio%20ambiente/index.php>>. Acesso em: 20 Ago. 2012.

CBO – Confederação Brasileira de Orientação. **O que é orientação (2011)**. Disponível em: <<http://www.cbo.org.br/site/orientacao/index.php>>. Acesso em: 23 Ago. 2012.

SILVA, Luciana Gonçalves da. Jogos e situações problemas na construção das noções de lateralidade, referências e localização espacial. In: CASTELLAR, S. (Org.). **Educação Geográfica: teorias e práticas docentes**. São Paulo, Contexto, 2006. p.138-140.

SCHERMA, Elka Paccelli. **Corrida de orientação: uma proposta metodológica para o ensino da geografia e da cartografia. 2010**. 201f. Tese (Doutorado em Geografia)- Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro-SP.

Recebido para publicação em 12/08/2014
Aceito para publicação em 27/10/2014